

O programa “Roda Viva” e algumas memórias de outrora: Ana Mae Barbosa e o novo paradigma pós-modernista de Arte/Educação

The “Roda Viva” program and some memories of the past: Ana Mae Barbosa and the new post-modernist paradigm of Art/Education

Le programme “Roda Viva” et quelques souvenirs d’autrefois: Ana Mae Barbosa et le nouveau paradigme post-moderniste d’Art/Education

Isac dos Santos Pereira
Universidade Anhembi Morumbi
E-mail: isacsantos02@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-4046-1576

RESUMO:

Enquanto a Arte/Educação modernista liberou o ensino do fazer Arte tradicional, o pós-modernista foi refletido e inserido dentro do campo da educação como uma epistemologia que passou a nortear a aprendizagem dos educandos, enfatizando não somente os fatores endógenos, afeitos à aprendizagem anterior, mas também os exógenos. Partindo de tal pressuposto, o presente artigo visa salientar e defender a ideia de que o programa “Roda Viva” exibido em 1998, disponível no YouTube como memória registrada, tendo a participação de Ana Mae Barbosa e diversos convidados foi uma forma cabal de confirmar a passagem do movimento anterior para o pós-modernista, não apenas evidenciando um único meio democrático como parte fundante na transmissão do saber, mas também inserindo o audiovisual como

elemento pertencente a esse novo tipo de ensino, além de trazer a autora citada como proponente de uma nova epistemologia do ensino da Arte no Brasil.

Palavras-chave: Educomunicação. Arte/Educação. Ana Mae Barbosa. Programa Roda Viva. Memórias.

ABSTRACT:

While the modernist art/education liberated the teaching of the traditionalist art making, the postmodern movement was reflected and inserted within the field of education as an epistemology that began to guide the learning of the learners, emphasizing not only more endogenous factors, affections to modernism, but also the exogenous factors. Based on this assumption, this article aims to highlight and defend the idea that the program “Roda Viva” aired in 1998, available on YouTube as a registered memory, with the participation of Ana Mae Barbosa and several guests was a complete way to confirm the transition from the modernist movement to the postmodernist movement, evidencing not only a single democratic medium as a founding part in the transmission of knowledge, however also inserting the audiovisual as an element belonging to this new type of teaching, author as author of a new epistemology of the teaching of Art in Brazil.

Keywords: Educommunication. Art/Education. Ana Mae Barbosa. Roda Viva Program. Memories.

RÉSUMÉ :

Alors que l'art/l'éducation moderniste a libéré l'enseignement de la fabrication de l'art traditionaliste, le mouvement post-moderne a été reflété et inséré dans le domaine de l'éducation comme une épistémologie qui est passé à guider l'apprentissage des apprenants, soulignant non seulement plus les facteurs endogènes, les affections au modernisme, mais aussi les facteurs exogènes. Sur cette base, cet article vise à souligner et à défendre l'idée que le programme « Roda Viva » présenté en 1998 et disponible sur YouTube en mémoire enregistrée, avec la participation d'Ana Mae Barbosa et de divers invités, a été un moyen suffisant de confirmer le passage du mouvement moderniste au post-moderniste, en mettant en évidence non seulement un autre moyen démocratique comme partie intégrante de la transmission du savoir,

en plus d'apporter l'auteur cité en tant qu'auteur d'une nouvelle épistémologie de l'enseignement de l'art au Brésil.

Mots-clés: Educomunicação. Art/Educação. Ana Mae Barbosa. Programa Roda Viva. Mémoires.

Recebido em: 26/03/2022
Aprovado em: 29/09/2022

Introdução

Entre superações e conservações de práticas pregressas, o campo da Arte/Educação pós-modernista consolidou-se no Brasil a partir de 1996, tendo seu início por volta de 1983, mediante novos pensamentos, embates tecnológicos, modificações midiáticas, pensamento culturalista, entre outras contribuições significativas. Com isso, como primeira parte da pesquisa, objetiva-se trazer reflexões teóricas acerca de quão importante, cada vez mais, é a formação do arte/educador para as mídias e o quanto ela se insere e se difunde pelos diversos contextos sociais – sejam no dele ou de seus estudantes –, fazendo, por conseguinte, uma ponte entre o cenário da Arte/Educação e o da comunicação/educação.

Como a segunda parte é a mais densa, o artigo debatido anseia por relatar como de fato acontecem as relações entre o desenvolvimento de novos cenários sociais (foco na mídia audiovisual) e sua possível e necessária articulação com o ensino e a aprendizagem da Arte, trazendo para a discussão um dos episódios do programa Roda Viva, como objeto de

análise contemplativa, localizado num tempo-espaço com conexões outras com a atualidade, além de pensar sobre o arte/educador – aquele que ensina, medeia, propõe, instiga e se torna a ponte entre o estudante e a Arte – em meio a essa tempestade de informações.

O texto não argumentará sobre a Arte, a comunicação, os educandos e os educadores como complexos desvinculados uns dos outros; todavia, pautar-se-á por uma interlocução ponderada, inter-relacionando-os em constante devir, mesmo que infelizmente, ainda, um dos desafios mais prementes de alguns nichos sociais e críticos seja o de não considerar “a complexidade da construção do espaço comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes” (BACCEGA, 2011, p. 33), como um outro lugar de saberes factuais que dialoga com as demais áreas de conhecimento.

Ao propor tal programa como objeto que suscita comunicação e pensamentos, a presente parte percorrida cria possibilidades de diálogo e “reconhecimento do valor estratégico da luta pela liberdade da palavra, como uma utopia que se concretiza em ações efetivas nos distintos espaços educativos”, pois este é “justamente o desejo da práxis educacional, vivida em uma quantidade de projetos na América Latina, testemunhados pela alegria e entusiasmo de quantos – crianças, jovens e adultos – com ela se envolvem cotidianamente” (SOARES, 2014a, p. 146).

Além do mais, o texto anseia por levar o leitor às reflexões sobre o legado que Ana Mae Barbosa trouxe para o ensino da Arte no Brasil, defendendo-o circundada por uma profundidade epistemológica e, tão logo, sendo reconhecida por outros diversos países.

Formação do arte/educador em meio à Arte das mídias e à comunicação/educação

Fortalecidas pelas conversações prementes entre a Arte/Educação e a comunicação/educação, as novas bases de ensino e as práticas didáticas tenderam a se expandir em qualidade e objetividade, visto que os campos de saberes inseridos em sala de aula passam a ser outros além daqueles já por anos conhecidos pelo ensino tradicional e moderno. Além dos papéis, das tintas, das músicas tocadas com o corpo, dos tecidos para as aulas de dança e das máscaras para as aulas de teatro; as telas, os sons, as informações de sons e imagens dos vídeos, dos rádios e os múltiplos fazeres tecnológicos encontrados em tais mídias passam a compor todo esse cenário.

Segundo Ferraz e Fusari (2011), a metodologia do ensino da Arte integra ações artísticas e estéticas, elucidando aos leitores/educadores que as práticas em sala de aula tornar-se-ão qualitativas mediante os estudos críticos, com ponderações, atitudes práticas e sensíveis, que tomam não somente o conhecimento do mundo como prerrogativa para se estudar, mas também o próprio indivíduo que está em constante devir, em incessante busca de si mesmo, imerso em um quadro com outros milhões de semelhantes. E é nesse movimento caótico, conformado por miríades de acontecimentos, imbuídos de ideias e teorias educomunicativas dentro do espaço da Arte/Educação, que educadores instauram ações dentro de seu trabalho pedagógico e acionam aulas permeadas pela Arte, que primeiro resvalam e posteriormente imergem os estudantes em suas possibilidades de aprendizagem ao fazer, ler e contextualizar. Por isso,

[...] comunicação/educação inclui, mas não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Nesse campo cabem: do território digital à Arte/Educação, do meio

ambiente à educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura, etc. (BACCEGA, 2011, p. 32).

Perante tal concepção, o programa Roda Viva da TV cultura que será discutido a seguir, tomando como base um episódio exibido em 1996, salientará a necessidade de um olhar mais apurado diante dos achados da sociedade contemporânea, visto que ele entra como um recurso de formação do próprio arte/educador contemporâneo devido a suas discussões atuais. Os diversos pontos de pensamentos, que se erguem e se difundem por infínitos meios comunicacionais, tomando a televisão e outras diversas plataformas de fácil acesso, são objetos para uma análise crítica do educador e posteriormente do educando, que será direcionado pelo docente, a partir das aulas de Arte, em ações que o levem a ver. Querendo ou não, além do ambiente próprio da Arte e da Arte/Educação, a educomunicação, a comunicação e educação, ou seja qual for o termo utilizado nessa junção, estão intimamente ligadas nessa ação formativa, demandando ações imersivas constantes sobre saberes que melhor deem condições para seu trabalho.



Fig. 1. Estrutura holográfica das conexões entre as áreas discutidas. Fonte: criação do autor.

Ao pensarmos no processo de comunicação e seus cruzamentos com a educação contemporânea e as demais áreas aqui discutidas, esse dinamismo merece espaço de destaque para teorizações constantes, críticas elucidativas, “pois permite que se leve em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura” (BACCEGA, 2011, p. 32), cultura esta que se estende ao ato de criar, de refletir mais, de fazer arte, de se deixar inventar qualitativamente pelo contexto social vigente, como também fazer parte desse novo constructo. Em um ensino deveras pós-modernista, não se ensina e aprende mais de maneira desvinculada desses meios, mas em constantes diálogos, conforme mostrado na projeção do entrecruzamento dos ambientes.

A arte hoje, que já não é somente o que encontramos nos museus, palcos, salas de concertos, e CDs, por exemplo, configura-se agora com base nas mídias, fazendo delas, por vezes, seu principal material criativo. Logo, não pode ser entendida contemporânea sem uma base factual, inclusive advinda da comunicação/educação, visto que há uma amálgama que constrói interterritorialidades entre esses três campos principalmente, ainda que haja a probabilidade de aqui citar outros.

Um filme que se constitui na junção de diversas linguagens da arte, assim como é um objeto da comunicação/educação. Estende-se para diversas áreas. Daí, como esmiuçá-lo?

Desde as análises que remontam ao início do movimento dos estudos culturais, tais questões, arraigadas às manifestações e conformações comunicativas a partir da década de 1990, emergem como prática dentro de uma esfera que acorda e se importa não somente com os meios, mas também com “os processos comunicativos como produção da cultura” (SOARES, 2014b, p. 12).

Dessa forma, todo esse aparato ponderado que passou a dialogar com os diferentes campos

[...] acabou por facilitar a superação da bipolaridade (emissor x receptor) estabelecida pela corrente funcionalista, fortalecendo a perspectiva dialética que reconhece o papel ativo do consumidor de mídias enquanto um construtor de sentidos. Foi possível, desta forma passar de uma teoria fundada no tecnicismo, centrada nos meios, para uma reflexão articuladora das práticas de comunicação, entendidas como fluxos culturais, focada no espaço das crenças, costumes, sonhos, medos – o que, enfim, configura a cultura do cotidiano. (SOARES, 2014b, p. 13).

Tal como o desvencilhar dos procedimentos pautados no espontaneísmo¹, tão afeito à Arte/Educação modernista², as propostas educomunicativas, em paralelo ao movimento pós-modernista de Arte/Educação, propõem-se também a refletir sobre os modos como diversas áreas se interconectam dentro do cenário social e suas infindas problemáticas, ou não, geradoras de propostas de estudos dentro da sala de aula. Com isso, gerando expressão comunicativa que perpassa as meras cópias no caderno. Além do mais, a inserção dos meios comunicativos, como, por exemplo, objetos audiovisuais advindos não somente da escolha do professor mas também dos próprios alunos, tornam-se interessantes, pois,

[...] em todo seu arcabouço imagético com faturas de imagens e sons que “envolvem e embebem a alma” (MORIN, 2014, p.123), trazem uma imensa gama de composições que nutre o repertório de quem assiste, consequentemente inserindo fatores que constituir-se-ão partes precursoras em um ato criativo, visto que criação não se faz do nada. (PEREIRA, 2019, p. 59).

Tais propostas educativas são imprescindíveis nesse processo, calcadas na comunicação e na prática, e atestam o que Freire (2018, p. 89) concluiu afirmando: “[...] à medida que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”, indistintamente de com qual manifestação artística estão a entrar em contato (Artes Visuais, música, dança e teatro, audiovisual), sejam quais forem seus contextos.

TV Cultura, um meio educacional? Uma pausa para teorizarmos sobre o canal

Diferentes vertentes têm demonstrado as práticas da educação para a mídia, desde uma visão fechada e vertical, como o movimento mais culturalista, até uma postura dialética. Soares (2014a) complementa essa discussão mencionando a postura verticalizada e fechada que encontra-se arraigada a uma visão conservadora e moralista inócua, que tem por partes fundantes os princípios advindos das intenções docentes, balizando tudo o “[...] que deve ser visto e consumido por seus alunos a partir de determinada concepção de ordem filosófica, religiosa ou moral” (SOARES, 2014a, p. 149). Felizmente, em várias situações na atualidade, isso não acontece de fato, visto que seus estudantes trazem para a sala de aula, como mostrado por Pereira (2019, 2020), o que de mais significativo encontram ao assistir séries, desenhos animados, filmes de super-heróis, entre outros. Diante disso, entendemos que, em uma postura culturalista e escolarizada, “a mídia é parte da cultura, por isso é objeto de conhecimento” (SOARES, 2014a, p. 149).

Perante essa postura dialética, a vertente aqui tomada como a mais acertada seria a última supracitada, entendendo-a como ações e questões reflexivas que dialogam diretamente com o ensino da Arte afeito ao movimento pós-modernista. Nisso, há um ensino da Arte que provoca a ruptura do ensino tradicional, estabelecendo ações através da interlocução, que se compromete com a busca de um todo mais coerente e palpável e, além disso, que traz em seu cerne a possibilidade de ser refutada pelos próprios estudantes em um diálogo construtivo e elucidativo, desvencilhando-se cada vez mais de uma mera representação didática conservadora. É interessante salientar que esse pensamento assegura-se como o mais adequado dentro das práticas didáticas e reflexivas, pois é nele que “o receptor analisa a mídia a partir de seu próprio lugar social, econômico e cultural”, construindo a partir da

inserção do indivíduo, aqui tido como o educando dentro do sistema escolar, a “experiência produtiva com a mídia, permitindo a si mesmo avaliar a maneira e as razões de sua relação com as tecnologias” (SOARES, 2014a, p. 149).

Dando sequência ao pensamento de Soares (2014a), suas propostas são trabalhadas no campo das utopias, estendidas com discussões em seu artigo “Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos”. Conforme o autor, existem utopias ao mesmo tempo que há confrontações e reconhecimentos que estreitam as eventualidades para o alcance das ações desejadas dentro da educação e comunicação. Tais utopias se inserem dentro do contexto contemporâneo como ligação coletiva para as mudanças sociais, como direito de todos alcançado por intermédio das políticas públicas, a recepção dos meios e educação popular como relação de proximidade, mas que, por vezes, encontra-se em “antagonismos e resistências das maneiras oficiais de conceber a comunicação e a educação” (SOARES, 2014a, p. 150).

As utopias, que de tão caras cobram dos educadores e pesquisadores das áreas supracitadas um engajamento maior a cada dia, são tecidas aos poucos, propiciando novas reformas mediante pensamentos alienantes e antigos. É sempre um querer mais, um chegar em algum lugar que, quando se pensa tocado, já projeta em seu horizonte uma nova possibilidade de melhoria, sendo algo processual e quase que inalcançável. Dentro disso, a formação do educador soma-se como um dos fatores mais prementes e passíveis de rediscussão. Mesmo que todos os meios não estejam dentro do sistema escolar, ou ainda que os educandos não saibam sequer os princípios dos processos comunicativos como fatores necessários à sua época, nota-se que, à medida que o educador se apropriar de tais prerrogativas, o ensino caminhará rumo ao horizonte utópico, sempre buscado e visto, nunca tocado, todavia aproximado.

Enquanto o conceito de Arte/Educação se fundamenta na ideia de que ela é “a mediação entre arte e público” (BARBOSA, 2010, p. 98), é igualmente cabível retomar que o conceito de “educomunicação”, ou suas outras inúmeras denominações tendo por princípios os mesmos aqui discutidos,

[...] pressupõe a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da educação (de suas filosofias ou didáticas), ou mesmo da comunicação (de suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais). (SOARES, 2014b, p. 17).

Em toda essa discussão que se estabelece e ganha força com diversos estudos, tanto dentro do Brasil como fora, principalmente pela América latina, é passível e necessário atrelar a mídia à formação docente, pois quando isso ocorre verifica-se a aplicação de concepções concernentes à interdiscursividade, na relação de um diálogo com outros discursos, os mais distintos possíveis, construídos a partir dos mais diferentes contextos existentes em sua totalidade. Logo, nesse arcabouço estruturante na conversão de simples relações em uma construção de saberes, ergue-se uma dimensão crucial “constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam ou complementam-se” (SOARES, 2011, p. 25), priorizando a construção do saber entre os meandros de estudos do professor.

Adiante, além de outros programas educativos disponibilizados pela TV Cultura, é interessante ressaltar o papel do Roda Viva concernente às reflexões atuais e pontuais da sociedade como arcabouço em processo de conformação de informações e conhecimentos. Ainda que não seja sobre Arte/Educação ou educação propriamente dita, a TV Cultura, por intermédio desse programa, tem feito um árduo trabalho, congregando diversos pesquisadores e pensadores contemporâneos durante um longo tempo de carreira televisiva, discutindo as relações sociais do momento juntamente com os acontecimentos mais imediatos, passíveis de ponderações e rediscussões de determinadas épocas, como educação, economia, política, Arte, entre outros temas.

A TV Cultura foi progressivamente tendo espaço para os mais distintos conteúdos e realizações de debates, tais como o Roda Viva, desde o ano de 1986, quando a democracia ascendia após o regime militar. Além de acompanhar os programas ao vivo e inéditos às segundas-feiras, às 22h, os interessados podem revisitá-los e lembrar-se de grandes nomes que por ali passaram desde o começo das produções³.

Periodicamente, a TV convida uma determinada pessoa para discutir sobre algo que perpassa ou perpassou sua vida, pensando nas relações com o núcleo social, ao mesmo tempo que também convida o espectador a reagir ativa e criticamente diante das relações dialógicas construídas no decorrer do programa, fazendo-o entrar em contato com as mais diversas ideias, análises e conceitos. Por conseguinte, constrói-se uma relação entre o programa e leitor/olhador/pesquisador/professor.

Felizmente, as produções podem ser revisitadas pelo canal do YouTube, pois estão disponíveis para acesso e, talvez, despertem aberturas de novos modos de pensar sobre as concepções teóricas neles debatidas. Cenários políticos, culturais e educacionais fazem parte das discussões tecidas pelos convidados dos programas.

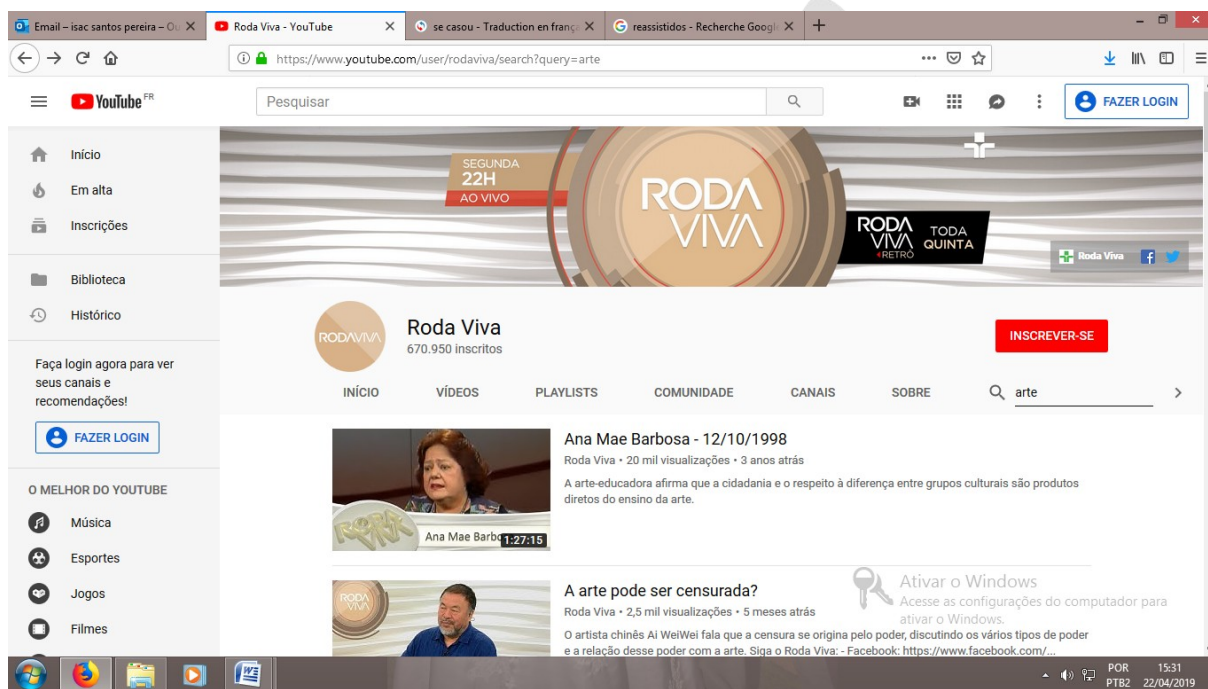


Fig. 2. Página no YouTube dos programas do Roda Viva. Fonte: <<https://www.youtube.com/user/rodaviva/search?query=arte>>.

Nota-se que pensar sobre comunicação/educação e Arte/Educação não é tarefa tão simples; trata-se de complexos sociais aos quais, muitas das vezes, subjazem educadores e educandos, por vezes, perdidos, sem saber para onde devem seguir em meio ao emaranhado de produtos midiáticos que se inserem em diferentes âmbitos. E isso se dá de modo que muitos, ainda fechados em uma égide cerceadora e conservadora, hoje considerada anacrônica, acreditam que a educação só ocorre por meio dos livros e através dos que educam em sala de aula, quando na verdade existe uma escola paralela, chamada meios de comunicação, que insere conhecimentos e introduz os estudantes dentro de um outro cenário além do próprio âmbito escolar e familiar.

Programa Roda Viva 1998 – Ana Mae Barbosa: Interpretação crítica e práxis pedagógica para o ensino da Arte

As configurações de colunas escritas em diversos jornais da década de 1980, após o Festival de Campos de Jordão, como demonstrado por Ayer (2009) em seu livro que discorre sobre os festivais desenvolvidos ao longo do tempo, influíram grande efeito em leitores e estudiosos da educação, propiciando a necessidade de tais informações dialogarem e se inserirem na cultura conformada pelo som e pela imagem, especificamente nas mídias audiovisuais. À vista disso, mesmo que um tanto distante da data do Festival (1983), o programa Roda Viva, como memória, ponderação, embate e difusão de ideias, com a presença da arte/educadora Ana Mae Barbosa⁴ marca o ano em que houve a “consolidação” de fato do “pós-modernismo” no ensino da Arte, no curso denominado “a compreensão e o prazer da arte”, no então recém-inaugurado Sesc Vila Mariana (BARBOSA, 2015).

Primeiramente, falar de Ana Mae Barbosa não é somente refletir sobre o ensino da arte e seu percurso histórico, contudo é justamente conhecer a práxis de seu ensino no Brasil, rumo a novas ações decolonizadas. Pesquisadora brasileira e sistematizadora da Abordagem Triangular, ela a conforma a partir de abordagens epistemológicas embasadas nas *Escuelas al Aire Libre* do México, no *Critical studies* inglês e na *Discipline Based Art Education* (DBAE) norte-americana (RIZZI, 2008). Incluindo propostas reflexivas para o ensino que toma as culturas e a leitura de obras de Arte inseridas em diversos panoramas, sejam históricos, estéticos, técnicos, sociológicos, filosóficos, entre outros, bem como a produção da Arte propriamente dita, ela traz um balizador, dando uma identidade brasileira, decolonial – mesmo que esse termo não estivesse ainda em voga —, fluida e adaptativa aos diversos cenários encontrados pelos estados e escolas do País.

[...] a Abordagem Triangular do ensino da Arte postula que a construção do conhecimento em Arte acontece quando há o cruzamento entre experimentação, codificação e informação. Considera como sendo seu objeto de conhecimento, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre arte e público. (RIZZI, 2011, p. 337).

Ana Mae Barbosa carrega diversos títulos e prêmios, dentro e fora do Brasil, dentre eles o de professora emérita pela ECA/USP, doutora *honoris causa* pela Universidade Federal de Pernambuco e pela Universidade Federal da Paraíba, bem como de membra honorária, além de ter recebido homenagens (Universidade Federal de Pernambuco/Revista CLEA na Argentina), medalhas (Paraguai) e prêmios diversos (Brasil, Miami University, Association National art Education, USA, Prêmio Internacional Sir Herbert Read, Insea/Unesco e continente europeu) – 31 no total, de acordo com seu currículo Lattes. Além do mais, suas produções entre artigos, organizações de livros, escrita de capítulos e publicações em jornais, fora os anais com resumos estendidos e completos, ultrapassam a quantidade de 400.

Barbosa realizou seu mestrado e doutorado nos Estados Unidos e difundiu suas ideias para a América Latina; diversos outros teóricos de inúmeros países adotaram suas produções como indicadores para o ensino e a aprendizagem da disciplina aqui debatida, causando ressonâncias e instigando diversas outras ações. O fato de ter recebido prêmios e homenagens fora de seu país mostra o quanto esses frutos de suas densas e dispendiosas pesquisas foram compartilhados e bem recebidos pelos críticos e estudiosos internacionais diversos, configurações estas com propostas que são genuinamente brasileiras, mas que também dialogam em sua complexidade com outros demais países.

Ademais, trazendo agora um programa em que ela defende e explicita essa nova visão da aprendizagem e ensino da arte, ressalta-se que a produção audiovisual aqui escolhida para tecer os diálogos registrados com bases teóricas, por conseguinte, mais detidamente, foi selecionada tendo em vista os pressupostos teóricos embasados na concepção do movimento pós-modernista brasileiro (BARBOSA, 2015; BREDARIOLLI, 2009; IAVELBERG,

2017). É crido, em meio a esses achados, que a conformação desse episódio do programa Roda Viva advém das novas bases de pensamentos que balizaram e conformaram tal movimento no Brasil, de acordo com suas necessidades e concebíveis de mudanças, ansiando a atividade pelos escritos e propiciando uma nova forma de comunicação aos arte/educadores e aos espectadores que o apreciaram. Além do mais, as ponderações nele contidas expandem o texto mais adiante para caminhos que transcendem o pensar sobre a televisão (incluem-se aqui, atualmente, todos os demais tipos de produtos audiovisuais), a educação ao olhar os estudantes e a formação do professor como elementos desconectados; de fato, defendem-se aqui verificação e ação plausível que contemplem tais áreas como parte de um cenário com objetos complexos, necessários de interlocuções.

Imbuído de reflexões, elucubrações e validações palpáveis, o programa foi ao ar às 22h30 (12/10/1998), observando as mais distintas idealizações que vicejavam naquele momento para a melhoria e a inserção qualitativa da Arte no âmbito da educação e da própria formação dos educadores que trabalhavam e/ou iriam trabalhar com tal área de conhecimento.

Em paralelo a esse episódio, como fonte de conhecimentos e concentrações para um novo paradigma que estava a se instaurar – a pós-modernidade –, é crido que, a partir dos escritos sobre comunicação e educação de Jacquinet-Delaunay (2007), o programa era mais uma perspectiva contemplativa e ativa do que “cada nova tecnologia da informação ou da comunicação”; o próprio programa se conformou e carregou em seu bojo a “esperança de um uso educativo (JACQUINOT-DELAUNAY, 2007, p. 174)”, a fim de difundir conhecimentos. É interessante notar que, de lá até os dias atuais, a sociedade encontra-se imersa em um momento mais do que nunca de perguntas, em busca de respostas para muitas das coisas que acontecem, em vez de se prestar a apenas apresentar receptáculos mediante a algumas “verdades”.

Em face desse programa, em meios as suas mais distintas informações dentro do campo da Arte e da educação, e antes de adentrar aos detalhes propriamente ditos do que nele foi exibido, é necessário pontuar algumas ponderações da real e qualitativa potencialidade do papel da mídia audiovisual de ontem e de hoje, vista como objeto de difusão de conhecimentos para além de manipulação ou efeitos negativos, como alguns achados já salientaram. Ao se analisar detidamente, percebe-se que tanto esse programa quanto outros difundidos pela mesma rede de televisão, felizmente, anseiam por difundir conhecimentos, tendo um papel notável como um serviço para usufruto da sociedade afeita às tecnologias, como já bem assinalara Jacquinet-Delaunay (2007, p. 174): para ela, a TV, por exemplo,

[...] é apenas pública e suas missões são aparentemente claras: informar, educar, distrair. O desenvolvimento desse serviço público – é importante salientar – é feito paralelamente com a extensão dos mais altos e outros serviços públicos, mesmo o da educação.

Mesmo que haja o momento de distração ao olhá-la, como bem salientou a autora, as questões atinentes ao informar e educar se sobressaem, e este é o grande foco de muitos produtos construídos. Nessa complexa empreitada da TV Cultura, ao preparar um programa que iria ao ar em difusão aberta, para os mais distintos públicos, sua intenção resumiu-se em salientar a importância da Arte/Educação pós-modernista, que então passara a ser consolidada no Brasil. Um novo tipo de ensino, que outrora estava por gestar dentro do pensamento pós-modernista, dentro de um novo período em que a própria sociedade também se encontrava, agora necessitaria de uma divulgação, de uma conscientização muito mais apurada, principalmente dos educadores.

As pessoas que compuseram a mesa do Roda Viva junto à arte/educadora Ana Mae Barbosa foram: a escritora de literatura infantil Ruth Rocha; a jornalista e crítica de dança do jornal O Estado de São Paulo Helena Katis; o artista plástico e professor da Faculdade de Arquitetura da USP Silvio Dworki; a jornalista Ana Maria Sanchez, especialista na área de educação; a professora Vera Bastazim, do Departamento de Arte da PUC/SP; o arquiteto

Dair Viseo, consultor cultural da TV Cultura de São Paulo; e a atriz Ligia Cortês, que trabalhava com crianças no teatro escola Santa Helena e à época ensaiava a peça “Cacilda”, de José Celso Martinez Correia.

Um dos assuntos e problemas das escolas públicas postos em pauta que, foi muito bem colocado por Ana Mae nos diálogos construídos no programa Roda Viva, foi a renovação da formação dos educadores. Tudo foi sempre estático. Logo, ela nos faz pensar por intermédio de seus argumentos que o profissional, seja de qual área for, principalmente o arte/educador que tenha como prerrogativa o saber interpretar criticamente as produções audiovisuais que são feitas com vistas à sua própria formação, ele (educador), como sujeito crítico e formador de indivíduos também críticos, tão obviamente saberá muito melhor orientá-los caso passe por tais processos constantemente. Com isso, ele estará apto a mediar suas aulas para que seus educandos saibam decodificar, contemplar e usufruir de tais produções. E o que não sabe? E o que se perdeu, cansou e parou no caminho dentro dessa nova sociedade?

Ao ser inquirida sobre a questão nevrálgica sob a qual se depara a Educação constantemente, quando colocada em pauta sua problemática, que para a crítica de dança Helena Katis é o educador, Ana Mae Barbosa mais uma vez salienta que a formação e atualização desse profissional é o ponto fundante para sua própria melhoria dentro de sala de aula. Por intermédio das investigações desse professor, dentro do campo da Arte/Educação, que também inclui a da educação e comunicação, como já salientado, acredita que a qualidade do ensino se dará somente pela sua formação continuada, que por muito deve se esmerar em uma práxis criadora e qualitativa.

Fazendo um breve parêntese, aqui, a concepção de práxis decorre de uma das compreensões de Paulo Freire. Para ele, “ação e reflexão se dão simultaneamente” (FREIRE, 2011, p. 173), sem se poder desvinculá-las, tirando-as da situação de dualidade e fornecendo ao

leitor um entendimento sobre a imprescindibilidade de tais prerrogativas constituírem-se de forma indissociáveis ao docente. Essa tal comunhão tem o nome de práxis. Este acontecimento é tão importante que ele salienta: “críticos seremos, verdadeiros, se vivermos a plenitude da práxis” (FREIRE, 2011, p. 176).

Ao transitar pelas conversações conformadas no decorrer do programa, pode-se depreender das interlocuções nele contidas que, nessa nova concepção de pensar o ensino com todos e para todos, o episódio tinha um objetivo claro ao propor tais discussões em pouco mais de uma hora de programa; os paradigmas haviam mudado, todos os diferentes estudos e proposições versavam sobre formas de mediações e difusão dos conhecimentos da Arte dentro das novas propostas de ensino; tão logo, e, mais do que nunca, a sociedade brasileira deveria estar por dentro do que se preconizava a partir daquele momento. A práxis, agora, se daria simultaneamente com o contexto docente articulado às demandas do cenário discente, em ações factuais com a realidade do que se vivia e vive, agregando as proximidades com o alheio, destituídos de uma verdade ou caminho único de saber.



Fig. 3. Ana Mae Barbosa. Fonte: imagem do Programa Roda Viva disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WL9KbV4ifA8>>. Acesso em: dez. 2018.

Quanto à própria escolha dos participantes que teceriam um diálogo crítico e analítico com a pesquisadora, percebe-se, de antemão, que ela não foi feita à revelia dos novos pensamentos teóricos que vicejavam de forma arbitrária somente para fazer volume e compor

uma plateia de questionadores. Isso é identificado ao se analisar os distintos participantes, cada um com uma formação, especialista em uma área de conhecimento até mesmo díspar, como a área do jornalismo, da arquitetura e/ou da própria Arte, bem como da educação. É evidente que, em face dessa nova maneira de se pensar, o ensino que estava a se construir e ascender nunca mais seria o mesmo; outrora, por vezes, talvez fosse excludente, alienado, em busca de uma única vertente, quando se pensava em mediar somente a Arte local ou a do colonizador, em agregar apenas uma manifestação artística, quando na verdade os próprios filmes e todo o arcabouço midiático passava a fazer parte da sociedade. Esta estava, como ainda continua, buscando imbricamento entre as mais distintas áreas, a tecer conversas na conformação de um complexo de saberes que não se atinge unicamente por uma abordagem unilateral, todavia pela soma, configuração e reconfiguração das áreas.

O conceito de Arte se ampliou, se contorceu e se viu interligado à cultura. Ensinar Arte não era mais só fazer Atividades Artísticas, mas falar sobre Arte, ver Arte, valorizar a imagem como campo de conhecimento, acolher todas as mídias, considerar as diferenças e os contextos. (BARBOSA, 2015, p. 21).



Fig. 4. Momento da entrevista com Ana Mae Barbosa no Roda Viva. Fonte: imagem do Programa Roda Viva disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WL9KbV4ifA8>>. Acesso em: dez. 2018.

Um dos exemplos para se conjecturar sobre os conhecimentos possíveis que os participantes traziam consigo e o encadeamento dessa nova proposta seria o arquiteto Dair Viseo. Ao dialogar com uma pessoa que trabalha com elementos da Arte tão rígidos – como as constantes medidas, as construções cenográficas precisas para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico –, entende-se que a nova linha teórica de Arte/Educação (mesmo que ações como essas sejam tão afeitas ao ensino tradicional, anterior ao movimento modernista), poderia, sim, fazer parte dessa nova aprendizagem. Todavia, ressalta-se que propostas inseridas dentro de tal educação, como algumas relacionadas ao trabalho da arquitetura, não anseiam por uma precisão, um engessamento criativo ou uma constante em sala de aula, mas se pretendem como parte integrada dentro de um todo que se constitui por múltiplas linguagens dentro das Artes Visuais, em mais possibilidades de se fazê-la.

Ao defender a Arte como palco de conhecimento dentro do ensino, Ana Mae Barbosa inicia sua fala validando-a como área importante dentro do novo paradigma pós-modernista, dialogando com o apresentador do programa: “mais do que expressão unicamente do estudante” (pensamento modernista), “Arte também é cultura e nutrição” (pensamento pós-modernista).

Articulado ao pensamento da comunicação e educação e, fazendo aqui, um paralelo com a fala da autora supracitada, Orozco-Gomez (2011), mais atualmente, assimila essa nova forma de se mediar em sala de aula atrelada aos fatores endógenos e exógenos constituintes do cenário dos educandos. Para ele,

Em uma nova pedagogia se partiria do sujeito educando e do seu contexto. Isso significa que, em uma nova perspectiva, o conteúdo seria sempre o ponto de chegada. O que se supõe, aliás, para sermos coerentes com a dinâmica própria das novas tecnologias, tal qual o hipertexto, que os conteúdos não existam independentemente dos sujeitos que os constroem. Os conteúdos são o resultado de um processo naturalmente estimulado por certos conteúdos iniciais, mas nunca determinado em uma forma única. (OROZCO-GOMEZ, 2011, p. 171).

Ana Mae Barbosa salienta que “o modernismo libertou o estudante de Arte das normas rígidas que outrora se impunham no ensino tradicional que o precedeu, oportunizando a vazão às manifestações advindas do interior humano, aprendendo a se conhecer”. E à medida que o “movimento pós-modernista de Arte” se legitimou, ele “passou a agregar a Arte alheia, das diversas culturas e diversas manifestações”, que, segundo ela, é “encontrada nos bombardeios de imagens da publicidade, *outdoors*, televisão e computador”. A partir dos relatos da observadora, pensando nos dois movimentos; um (modernista) libertou os estudantes das égides cerceadoras com rígidas regras, e o posterior movimento (pós-modernista) veio para agregar de forma fluida e construtiva informações, conhecimentos e suas mais infindas estéticas dentro dos pressupostos, no desenvolvimento tanto do ensino e da aprendizagem quanto em relação ao encontrado nos museus e às próprias produções apreciadas nos aparelhos midiáticos, que também são inseridas como obras pertencentes a um contexto e a um modo de apreciação. Propiciaram-se mais diálogos e oportunidades para se olhar mais as distintas obras, a olhar para si mesmo tanto quanto para os demais sujeitos, produtores de culturas, de Arte.

Enquanto que a televisão se desenvolvia rapidamente, que a publicidade iria aparecer na tela e os interesses privados começariam a se fazer sentir, era urgente refletir as consequências culturais e sociais desse novo ambiente midiático. (JACQUINOT-DELAUNAY, 2007, p. 174).

Tais ações e consequências citadas por Jacquinot-Delaunay (2007) têm sido relevantes e candentes, durante décadas na comunicação, pois, com o advento do excesso das imagens nesse campo, o estudante passou a ter capacidade de ver melhor, quando inserido em uma educação com bases teóricas de fato aprofundadas; visando aprender a interpretar e contextualizar, refletindo criticamente sobre os produtos que emergem no decorrer do tempo. Ainda, em paralelo com a citação de Jacquinot-Delaunay, toda a mediação que visa esta aprendizagem do melhor interpretar, do melhor saber e ver, propiciada pelas mídias, torna-se uma necessidade urgente como parte fundante da formação docente. Neste vai e

vem de informações e saberes, ao docente são possibilitadas ações em que ele vai “desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade” (BARBOSA, 2010, p. 100) encontrados em sua sala de aula.

A autora Ruth Rocha, naquele Programa Roda Viva, adentra a interlocução arguindo: “talvez o ensino de Arte ainda esteja dentro de um caminho da dúvida por grande parte da população, pois no ensino fundamental I não se tem a intenção de formar artistas”, ideia ainda arraigada a alguns pontos de vista. Ana Mae complementa e rebate a fala de Ruth Rocha dizendo que “também a escola não tem a intenção de naquele momento formar matemáticos, novelistas entre outros profissionais”, todavia pretende-se mediar conhecimentos que contribuam na formação integral do ser humano.

Kaplún (2014, p. 72), em um artigo publicado em 1987⁵, digno de nota pelo mesmo sentido do que fora debatido no programa, tece um diálogo dentro do campo da educação e comunicação dizendo que, “se nossa ação educativa aspira a que os estudantes tenham uma real apropriação do conhecimento, teremos maior certeza de consegui-lo se soubermos oferecer-lhes e abrir-lhes instâncias de comunicação”, e tais interesses não estão fadados a uma única área de conhecimento, contudo esparsam-se em diferentes âmbitos. Pois, pelo que já se sabe e é crido, “educar-se é envolver-se e participar de uma rede de múltiplas interações comunicativas” (KAPLÚN, 2014, p. 72).

No transcorrer das confabulações do Roda Viva, Silvio Dworecki salienta a total desvalorização que se dá para com a Arte no decorrer dos anos estudantis, além do que, infelizmente, ainda existe um preconceito. Para ele, “a Arte é muito bem vista nos asilos, prisões e maternal; ela é dada com carinho às pessoas que estão totalmente fora do conjunto econômico da atualidade, da produção dos bens materiais da sociedade, mas aos demais cidadãos considerados dentro da ‘naturalidade’, não se importam para inseri-la”.

De acordo com a fala de Silvio, identifica-se que o empenho em estudos, falas e colocações em prol da inserção da Arte como componente deveras qualitativo dentro do âmbito educacional mantém-se um tanto mais altivo, fazendo uma relação do que se pensava sobre Arte/Educação ontem e o que se pensa hoje, mesmo que ela seja refletida em passos curtos, sentida minimamente em algumas décadas.

Ligia Cortez, no programa mencionado, salienta que “até os médicos devem ter contato com a Arte, pois ela propicia o autoconhecimento”, um saber que transcende fórmulas e padrões instituídos por determinadas áreas do conhecimento, que ultrapassa as exatidões materiais do ser externo.

Ana Mae Barbosa complementa a ideia dizendo que, em relação “aos adolescentes que têm convívio com a Arte, há uma tendência muito maior em não destruir coisas, mas em criá-las e mantê-las”, pois, segundo a concepção de Arte pós-moderna, o fazer e o interpretar as obras artísticas os levam a serem muito mais ponderados diante das materialidades circundantes, de toda a sorte de humanidade e de sua comunicação advindas da sociedade. E acredita-se que isso tudo ocorre pois ela (a Arte) leva o sujeito “a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura” e, maiormente, leva-o “ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações” (BACCEGA, 2011, p. 40) como frutos e produtores dessa trama.

O apresentador do programa, Paulo Markun, diz que a televisão, como um meio que chama atenção e faz com que milhões de pessoas se sentem diante dela para apreciar as informações que estão sendo dispostas, pode e deve ser um importante veículo de difusão de conhecimentos e de saberes que validem a Arte como área de extrema importância dentro da sociedade. Tal acontecimento ocorre pois “a comunicação de massa faz as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãs de um mundo em mutação” (SOARES, 2011, p. 17), haja vista as audiências conseguidas pelos canais televisivos e os acessos à internet por

produtos que de fato os representam, mostram-nos como são e o que desejam. Mas, ao pensar acordada com tal concepção, a realidade atrelada à educação, infelizmente, ainda projeta outras pretensões; propõe, muitas das vezes, pensamentos totalmente díspares às crenças tanto do apresentador como dos próprios arte/educadores da educação pública, que ainda esperam um espaço nas grandes mídias.

Orozco-Gomez (2011, p. 172) salienta:

Da mesma maneira que os educadores deveriam descentrar sua preocupação principal dos conteúdos e focalizar mais os processos, os comunicadores também deveriam desviar sua preocupação dos meios e focalizar mais os processos ao redor dos meios, dos receptores, das interações que os mesmos meios possibilitam e dos contextos nos quais se realizam estas interações, já que é no contexto que, afinal, nasce o sentido da comunicação, e também é daí que se pode apreciar a relevância dos aprendizados realizados.

Ana Mae, durante o programa, comenta sobre a composição social na qual estavam inseridos à época: “a mídia estava por entrar em alerta com relação à educação”, crendo que diante do arcabouço social ela é uma educadora legítima. Em vista de outros cursos que ela promoveu, convidando até mesmo exploradores e arte/educadores estrangeiros para palestrar aos professores, notou certa disparidade concernente à promoção da mídia dentro do âmbito educacional. Fazendo uma comparação, coetâneas ao programa e aos cursos desenvolvidos no Sesc, as intervenções midiáticas começaram a aparecer e a espalhar informações legitimando as ideias e ações promovidas por ela juntamente com sua equipe de pesquisadores.

Adiante, ela faz com que o espectador reflita criticamente sobre suas falas, visto que critica a formação do currículo nacional brasileiro, por exemplo, conformada com a ajuda de um teórico espanhol, excedendo o diálogo de forma ampla ao colocar os prós e contras para uma Arte/Educação de qualidade. A título de exemplo, em sua concepção, muitas das ideias plausíveis foram inseridas dentro do currículo notando-se características de pensamentos

de Paulo Freire, como a ação de conscientização do ser humano dentro de um sistema social, contudo o texto em si sequer faz menção explicitamente às ideias do grande teórico. Isso se manifesta como uma destruição do que foi construído nacionalmente para implementarem o alheio, o que está fora, entendido aqui como um apagamento teórico identitário.

Ao se contrapor às formulações dos parâmetros nacionais da educação, Ana Mae explica com perspicácia o motivo da não aceitação plena da proposta, mesmo estando vinculada com algumas de suas sistematizações teóricas, como a Abordagem ou Proposta Triangular, pautada no fazer, ler e contextualizar a obra de Arte.

Ainda que tenham sido suas pesquisas inseridas dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, as respectivas denominações não foram colocadas de forma correta, clara e objetiva. Exemplo disso, para ela, é a palavra “reflexão” inserida no lugar de “contextualização”: há um erro nessa colocação, pois, independentemente de fazer Arte, apreciá-la ou até mesmo contextualizá-la, tudo só chega à plenitude se houver uma reflexão, um processo mental. Mesmo tendo claro que a Arte/Educação é a própria epistemologia do ensino da Arte, pois tece densas investigações sobre como se aprende e ensina Arte, o sistema, de alguma forma, faz uma extinção de uma produção que carrega em seu bojo uma identidade brasileira, como já citado.

Segundo Rizzi (2011, p. 343), tal proposta recebeu acintosas críticas, sendo uma das mais absurdas a ideia de que ela tenha sido “uma simples tradução para a língua portuguesa da proposta americana”; contudo, diante dessas adversidades, tanto a idealizadora quanto demais outros estudiosos do campo se esmeraram para que essa ideia redutora não tomasse força e fosse rechaçada.

[...] enquanto a equipe americana propunha exatamente a disciplinarização do ensino da arte (*Discipline Based Art Education*): produção artística, história da arte, crítica e estética, como postura transdisciplinar como abordagem para a construção de conhecimento em arte; ao articular e não disciplinarizar, os três

âmbitos e ações: ler, contextualizar e fazer: ‘ o DBAE elege áreas com conteúdos separados, por esta estrutura mais prognosticável e porque há clara preferência, entre os professores, por uma divisão regular de tempo [...] (RIZZI, 2011, p. 343).

Diante de suas arguições, observa-se que Ana Mae conduz sua fala de forma defensora de sua concepção ao mesmo tempo que também incita o espectador que a assiste a, do mesmo modo, pensar junto, analisar e criticar o processo de educação vigente à época, podendo até mesmo rebater seus questionamentos. Não são meras colocações, mas um chamamento por intermédio de suas cogitações às novas descobertas e à não aceitação incisiva de algo prontamente. Ao mesmo tempo, suas ideias vão sendo alinhavadas às dos participantes convidados, tecendo uma ligação que de forma aprofundada agrupa diversas instâncias de saberes.

É interessante pensar na intersecção dessas “agências de socialização”, tidas por Baccega (2011) como um contexto capaz de agenciar relações com outros, como as advindas dos diversos especialistas presentes no programa Roda Viva, permitindo pensá-las sob um viés que as constitui como uma análise crítica da realidade, “inter-relacionando os conhecimentos que se originam nas várias agências, as convergências e divergências entre as agências, para, ao fim, ser capaz de analisar a resignificação que foi construída nesse embate” (BACCEGA, 2011, p. 33).

A Arte, assim como o próprio produto audiovisual apresentado, vem como um dispositivo para afinar a capacidade perceptiva da crítica, possibilitando a quem os consome ser uma pessoa muito mais ativa do que simplesmente receptora de informações dispostas.

Contar histórias como uma extensão do imaginário da criança, assistir a um documentário ou reportagem televisiva, dançar, criar poeticamente algo com os elementos quase que infintos das Artes Visuais, encenar na escola e para a vida: campos de saberes atinentes à vida e à educação refletidos e permitidos por intermédio dos diálogos dos especialistas que

compuseram a mesa do programa. Para além de uma única área de saber dialogando com a Arte e a Educação, todo o constructo audiovisual se mostrou como um vínculo necessário à nova época, contribuindo não somente como meras projeções aos espectadores, mas também como episódio que propiciou o ato investigativo ademais às leituras dos meios e das ações docentes. Fica claro que um dos objetivos do programa foi ressaltar que há a possibilidade e deve haver uma articulação entre as áreas de saberes dentro de todo o sistema educacional atual, como de considerar o fato de que “a busca do conhecimento que se reduz à pura relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível, rompendo a ‘estrutura dialógica’ do conhecimento, está equivocada, por maior que seja sua tradição” (FREIRE, 2018, p. 88), pois não possibilita caminhos, mas aliena a um olhar e a um andar único.

Dentro desse pensamento, a comunicação que se estabeleceu foi “vista como um componente do feito educativo e não através do recorte do ‘messianismo tecnológico’” (SOARES, 2011, p. 22), que infelizmente ainda impera dentro do pensamento de pessoas que ouviram, simplesmente, falar de Arte, educação e comunicação. Cabe ressaltar que, como componentes dentro desse aprender, educadores e educandos devem estar inseridos de forma a participar imersos nesse desenvolvimento educativo.

Considerações finais

Em linhas gerais, compreende-se que, ao se deparar com produtos audiovisuais como o supracitado, exibido em 1998, o educador pode muito bem agregá-lo às suas práticas educacionais de forma inócua ou analisar detidamente tudo o que foi dialogado dentre os minutos que se sucederam no programa, tomando-o como parte inerente à sua formação como educador. Além do mais, conhecer somente a proposta de ensino vinculada e preconizada atualmente para se atuar em sala de aula torna-se uma ação um tanto fechada, para o arte/educador, por exemplo. Desde o ensino da Arte tradicional, seguida da modernista à

atual, o pós-modernista e/ou contemporâneo, existem de fato questões debatidas e propostas que foram superadas, e outras, alargadas diante do cenário social, conforme evidenciado no programa discutido. Logo, refletir acerca das possibilidades da comunicação e educação permite que as discussões atinentes ao educador sejam deveras um ponto-chave para com sua práxis como sujeito ativo e reflexivo com seus educandos.

A análise crítica funda-se em um olhar mais perspicaz aos fatores circundantes que se conformam no momento em que as informações emitidas dialogam com o receptor, que conseqüentemente, de forma gradual, vai agregando os saberes adquiridos para ver o que de fato lhe apraz e faz parte de seu ambiente atual. Nesse processo, é nítido que “todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos” (FREIRE, 2018, p. 84). Logo, ao ler uma obra de Arte audiovisual, tanto educando quanto educador executam ações mentais semelhantes, visto que estão diante de um objeto com o qual construirão uma relação de conhecimentos. Para além do mero visualizar, estão a imergir, cada um com sua capacidade e acuidade estética sonora e visual, em aberturas para o campo de uma comunicação que tece interconexões com conhecimentos que não estão simplesmente visíveis ao que se percebe, mas que dialogam com infindas conexões de saberes.

Além do mais, é entendido que, tal como Ana Mae Barbosa, diante dos embates do ensino e da aprendizagem da arte no Brasil, mediante o imprevisível e as mudanças nos diversos cenários sociais, com base na Arte/Educação como princípio epistemológico, o educador pode e deve seguir caminhos que o orientem para capacidades criativas em sua constante formação continuada e processo de ensino-aprendizagem.

Se o arte/educador não insere a cultura das mídias na escola como aprendente, bem como em seu espaço de trabalho, para um público que faz parte não mais de sua própria época, talvez, e não se utiliza de tais recursos para esse dinamismo de enriquecimento educacional dentro dos paradigmas sociais, será que de fato haverá uma ação passível de ensino e aprendizagem dentro do contexto escolar contemporâneo? Saberão eles lerem os bons e os ruins produtos que estão sendo disponibilizados em questão de horas massivamente?

REFERÊNCIAS

AYER, Maurício (coord.). **Música nas montanhas**: 40 anos do Festival de Inverno de Campos do Jordão. São Paulo: Santa Marcelina Cultura, 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *In*: CITELLI, Adílson Odaír; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho**: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **XIV Festival Campos do Jordão**: variações sobre temas de ensino da Arte. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FERRAZ, Maria Heloisa; FUSARI, Maria Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 19. ed. Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

IABELBERG, Rosa. **Arte/Educação modernista e pós-modernista**: fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2017.

Jacquinet-Delaunay, Geneviève. Éducation et communication à l'épreuve des médias. **Hermès**, Paris, v. 48, n. 2, p. 171-178, 2007.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da comunicação. *In*: APARICI, Roberto. **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.

OROZCO-GOMEZ, Guilherme. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. *In*: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

PEREIRA, Isac dos Santos. **A incursão do audiovisual na Arte/Educação contemporânea (um intruso na sala de aula?)**. Naruto e a discursividade poética da criança ao desenhar. Dissertação (Mestrado em comunicação audiovisual) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2020.

PEREIRA, Isac dos Santos. Cérebros criativos no mundo das produções audiovisuais de massa? Entretenimento, fãs de animações e possibilidades criativas em artes visuais. **Revista Gearte**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 40-66, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.89909>. Acesso em: 02/12/2021

PEREIRA, Isac dos Santos. O cérebro animado da criança: a animação Naruto enquanto conceito prático de interagente-corpóreo na escola. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 101-119, 2022.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do ensino da Arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Ensino da arte**: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. *In*: APARICI, Roberto. **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014a.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *In*: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Introdução à edição brasileira. A educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. *In*: APARICI, Roberto. **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014b.

PÓS:

NOTAS

- 1 Termo utilizado por Ismar de Oliveira Soares na aula *on-line* disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8iMyk4ddXZI>>. Acesso em: jul. 2019.
- 2 Aqui, a “compreensão é a de que o Modernismo, tanto na Arte como na Arte/Educação, é considerado a grande ruptura no modo de conceber a arte e o seu ensino, que tradicionalmente era centralizada no ensino da técnica”. (Disponível em: SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAUJO, Clarissa Martins. Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da Arte/Educação. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambú. **Resumos**. Caxambú: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2007.
- 3 Os programas estão disponíveis na página do YouTube vinculada ao programa Roda Viva, disponível em <<https://www.youtube.com/user/rodaviva/about>>. Acesso em: abr. 2019.
- 4 Programa exibido em 12 de outubro de 1998, com 1 hora e 27 minutos, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WL9KbV4ifA8>>. Acesso em: dez. 2018.
- 5 O texto “*Uma pedagogia de la comunicación*”, de Mário Kaplún, faz parte do monográfico da revista *Voces y Culturas*, dedicado à educação e comunicação, e coordenado por Roberto Aparici [*Voces y Culturas*, Barcelona, n. 11-12, p. 69-88, 1987].